

CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS¹

Eduardo José Manzini

Neste texto serão apresentadas algumas considerações sobre como realizar a transcrição da entrevista. O enfoque será a entrevista gravada na forma de áudio e não será discutida a transcrição da entrevista filmada. Serão apresentadas e discutidas as questões: 1) quais os tipos de entrevistas que devem ser transcritas; 2) quem deve transcrever a entrevista; 3) quais normas utilizar para fazer a transcrição; 4) quais cuidados metodológicos são recomendados ao fazer uma transcrição.

O terceiro momento da entrevista: a transcrição

O momento da transcrição representa mais uma experiência para o pesquisador e se constitui em uma pré-análise do material. Dessa forma, principalmente nas entrevistas dos tipos semiestruturada e não-estruturada, que são as entrevistas passíveis de serem transcritas, é conveniente que essa atividade seja realizada pelo próprio pesquisador.

No caso da entrevista estruturada isso não é preciso. Confeccionada para entrevistar um grande número de sujeitos, a entrevista estruturada, na maioria das vezes, não é gravada. Dessa forma, é possível treinar pessoas para coletar as informações para o pesquisador e para tabular as respostas, pois o instrumento utilizado é um roteiro estruturado e a pessoa que entrevistou, ou a que irá tabular as informações, vai ater-se a essas respostas previamente elaboradas e com alternativas de escolha.

Já para as entrevistas dos tipos semiestruturada e não-estruturada, diferentes são os papéis do pesquisador ao entrevistar e ao transcrever. No momento da entrevista, no processo de coleta de dados, o pesquisador necessita focalizar sua atenção no processo de interação, realizada por meio de perguntas, por meio da interação verbal e interação social. O pesquisador-entrevistador busca responder ao seu objetivo da pesquisa no ato de entrevistar. No momento da transcrição, essa meta, em manter a interação, já não está mais presente. O pesquisador se distancia do papel de pesquisador-entrevistador e se coloca no papel de

¹ Este texto fez parte do material utilizado para obtenção do título de Livre-docência em Educação intitulada “A entrevista como instrumento de pesquisa em Educação e Educação Especial: uso e processo de análise”, pela Unesp de Marília pelo presente autor. Peço a gentileza de manter esse texto dentro do âmbito do Projeto da ONEESP, pois, estamos em processo da compilação de um livro sobre entrevista.

interpretador de dados. O pesquisador, no momento da transcrição, vai distanciar-se de um fato vivido - que foi o processo de coleta - ao mesmo tempo em que revive esse fato em outro momento e com outro enfoque intencional. Neste momento, olha-se para aquilo que foi feito. Apesar de ser a mesma pessoa que entrevistou e que está transcrevendo, o enfoque, agora, é diferente. No primeiro – a coleta – o enfoque era o presente, na ação de entrevistar. As respostas, explicações, argumentações e explanações do entrevistado eram o que mantinham a atenção. Na transcrição, o enfoque será naquilo que foi ou não falado, pois é isso que é feito numa transcrição: transcreve-se o que foi falado, mas pode-se perceber o que foi ou não perguntando, o que foi ou não respondido e no que está inaudível ou incompreensível. Ou seja, ao transcrever, o pesquisador irá escutar, várias vezes, as verbalizações gravadas. Será necessário, por diversas vezes, retroceder a fita magnética para escutar e reescutar pequenos trechos gravados para poder transcrever, fielmente, o que foi dito.

A transcrição pode ser entendida como uma das várias fases da entrevista. Na primeira fase, extensamente discutida, um roteiro foi elaborado. A segunda fase é a entrevista propriamente dita, ou seja, o processo de coleta de dados. A terceira fase é o processo de transcrição. Teoricamente, o que o pesquisador deveria fazer em todas essas fases seria ir à busca do seu objetivo de pesquisa.

Assim, pode-se interpretar que o pesquisador construiu e vivenciou contextos diferentes que foram decisivos para atingir ao seu objetivo. O primeiro contexto decorreu da elaboração do roteiro e o enfoque foi para verificar se aquele instrumento poderia responder às suas indagações de pesquisa. Estava em mente o participante que seria entrevistado: o aluno, o professor, o diretor da escola, o médico, o advogado, um entrevistado específico. O roteiro estava sendo preparado para uma pessoa específica. Têm-se, então, um participante idealizado e um roteiro com perguntas idealizadas para aquele participante específico. Esse primeiro contexto é então trabalhado e vivenciado pelo pesquisador.

O segundo contexto - a coleta de dados – concretiza aquilo que foi idealizado e planejado. Dessa forma, o contexto inicial é ampliado pela entrevista.

No momento da entrevista, é possível perceber o que está acontecendo e anotar as observações. É possível relacionar o que está sendo perguntado com as reações do entrevistado.

Assim, o momento da entrevista apresenta informações de natureza verbal e não-verbal. Durante a entrevista, estão presentes os dados de natureza observacional. É comum

encontrar relatos de pesquisadores que vivenciaram uma interrupção durante a entrevista em curso: repentinamente alguém entrou na sala, percebeu a situação e logo saiu; alguém que passou, acenou através de uma porta de vidro transparente, são exemplos de dados observacionais momentâneos à entrevista. Fundamentado no próprio comportamento do entrevistado, pelo seu tom de voz, pelo fato de haver ocorrido uma pausa no diálogo, o entrevistador tem condições inclusive de saber se essas interferências tiveram alguma influência ou não no momento da entrevista. Se a pessoa que estiver transcrevendo não souber o que aconteceu na entrevista, ela não tem essa informação para interpretar o processo da coleta e para transcrever esses acontecimentos. Aquelas informações não ficaram gravadas em áudio, mas ocorreram durante a entrevista. Além dessas situações, estão presentes as expressões faciais, o desvio de olhar, as mensagens corporais. Tais informações precisam ser avaliadas se carecem ser transcritas ou não. Ou seja, são elementos que poderão estar relacionados ao processo de análise e interpretação. Dessa forma, esses argumentos reforçam a tese de que a transcrição é uma pré-análise. Como bem salientou Marcuschi (1986), o pesquisador deve saber quais são os seus objetivos e assinalar o que lhe convém para análise. Para esse autor, não existe “a melhor transcrição”, pois se trata de uma questão complexa definir com clareza o que e quando assinalar em uma conversação².

O contexto da coleta, ou seja, a entrevista, somente o pesquisador-entrevistador é que tem essa vivência. Somente por meio da gravação em fita magnética ou digital, outra pessoa, que não tenha participado da entrevista, não conseguirá internalizar as várias outras informações advindas da entrevista. Esse parece ser um dos argumentos principais a favor da transcrição ser realizada pelo entrevistador. Porém, cabe lembrar, que atualmente os pesquisadores têm trabalho em “Grupos de Pesquisa” ou em “Redes de Pesquisa”, na qual alunos de doutorado, mestrado e iniciantes em pesquisa, como alunos da graduação, são integrantes desses grupos. Dessa forma, quando o projeto de pesquisa, ou objetivos e roteiros de entrevista são compartilhados, é possível que a transcrição possa ser realizada por esses membros, que nem sempre participaram da coleta, mas com certeza, será necessária uma supervisão da transcrição, para manter o novo documento (a transcrição) bem próximo ao original (as verbalizações gravadas).

² O autor em questão define análise da conversação aquela decorrente de dados empíricos em situações reais, ou seja, a conversação que faz parte do dia-a-dia, da prática social, dos falantes. Pode ser subdividida em *diálogos assimétricos*, no caso de entrevistas e inquéritos, e *diálogos simétricos*, as conversações cotidianas e naturais. São excluídos da análise da conversação textos de novelas, filmes, teatros, dentre outros, por tratar-se de diálogos construídos que tentam reproduzir uma situação real.

O terceiro contexto é a transcrição. Apesar de o objetivo da transcrição ser transpor as informações orais em informações escritas, nesse processo, ocorre um segundo momento de escuta, no qual podem permear impressões e hipóteses que afloram intuitivamente durante o ato de escutar e transcrever. Essas impressões e hipóteses podem ser anotadas para depois serem investigadas pelo pesquisador. Esses apontamentos, na maioria das vezes, são muito válidos para a interpretação dos dados. Essas impressões podem ser impressões que se corroboram, ou poderão, no futuro, ser descartadas. Sempre quando está sendo realizada a transcrição, há uma tendência, intencional ou não, em interpretar a informação. Às vezes, logo após uma entrevista, uma imagem é idealizada sobre as informações que foram coletadas e, ao realizar a transcrição, essa imagem pode ser totalmente desfeita. Em outras, essa imagem é ampliada ao realizar a transcrição.

Dessa forma, é possível interpretar a transcrição como uma pré-análise. Isso ocorre porque se somam, ao momento de transcrição, os outros contextos anteriores, que foram se ampliando.

Alguns autores (BARDIN, 2000) intitulam que a pré-análise seria baseada na transcrição, no qual são realizadas várias leituras do material para entender e compor os dados. Com certeza, isto irá ocorrer se não foi o pesquisador quem transcreveu a entrevista. Quando é o pesquisador quem faz transcrição, a pré-análise inicia-se durante a transcrição e não após ela, principalmente porque é necessário definir quais serão as normas que irão reger a transcrição. Essas normas deverão conter os elementos essenciais para transformar as informações em dados.

Como já salientou Queiroz (1983), ao apresentar sua experiência em relatos de histórias de vida, a transcrição seria uma reprodução de um documento (a gravação) num segundo exemplar (material escrito) que exiba total conformidade e identidade com o primeiro. Para o autor, a definição de transcrição indica já como preferencial a execução da tarefa pelo próprio pesquisador e traz como vantagem a oportunidade de uma “primeira reflexão sobre sua experiência”. Ao escutar a fita, o entrevistador consegue “captar a experiência sem a acuidade dos envoltórios emocionais que o contexto vivo” (entrevista) acarretava e poderá retomar a experiência para aprofundar suas observações. Dessa forma, “ao efetuar a transcrição o pesquisador tem, então, a invejável posição de ser ao mesmo tempo interior e exterior à experiência” (QUEIROZ, 1983, p. 84).

Mesmo que a transcrição seja fiel e consiga apresentar uma boa reprodução do material gravado, a transcrição não conseguirá captar todas as informações apresentadas na entrevista. Para Queiroz (1983), mesmo quando o pesquisador é quem faz a transcrição de um “[...] documento oral, com sua vivacidade, colorido e calor humano [...]”, para um “[...] documento escrito inerte, passivo, estático, que, além disso, reproduza somente em parte tudo quanto realmente ocorreu [...]” ocorre uma *excisão*³. Para a autora, a excisão é a “separação pouco volumosa da parte de um corpo”.

Para o mesmo autor, pode-se chegar a uma *mutilação*, quando a transcrição é realizada por outro, que está longe dos objetivos da pesquisa, cujas partes da entrevista são suprimidas e cortadas. Esse fato pode também ocorrer com um pesquisador pouco experiente, que ao transcrever as verbalizações da fita gravada, começa a recortar os pequenos trechos que lhe interessa e despreza outros trechos, ou seja, é feita uma mutilação das informações. O princípio básico para constituir uma boa análise é partir de uma transcrição integral, na qual todas as verbalizações são transcritas. O pesquisador não deve usar o *copia e cola* do seu computador para as perguntas de um roteiro para entrevista semiestruturada ao iniciar a transcrição. Deve-se transcrever tudo o que foi falado pelo pesquisador e pelo entrevistado, porque a pergunta do entrevistador tem entoação, tem ênfase, porque foi eliciada de forma específica, num momento específico, diferente da pergunta do roteiro. A pergunta que está no roteiro está na forma escrita e na entrevista ela foi usada na forma verbal, com uma entonação particular dentro de um contexto. Qual contexto? O contexto de interação social e verbal. Às vezes, o entrevistador faz pausas ao perguntar que podem ser interpretadas pela pessoa que está sendo entrevistada. Por isso, a transcrição deve se reportar à forma como a pergunta foi emitida durante a entrevista e não usando os recursos de *copia e cola* do computador.

A linguagem é um instrumento humano que permite expressar a mesma idéia em diferentes formas. De repente, no momento da entrevista, o entrevistador faz uma pergunta de uma forma diferente daquela que estava no roteiro, mas que parece ser melhor do que aquela pergunta que fora planejada e que constava do roteiro. A transcrição vai deixar transparecer essa informação. Também é comum a necessidade de refazer a pergunta no momento da entrevista, pois o entrevistador tem a sensibilidade de perceber a situação concreta e refaz a pergunta de outra forma. Essas informações serão importantes para inclusive reformular, melhorar e adequar o roteiro original.

³ Separação pouco volumosa da parte de um corpo.

Como fazer uma transcrição: recortes, regras e critérios

Em pesquisa, sempre é necessário fazer recortes para estudar o dado e o pesquisador deve estar consciente dos recortes que estão sendo realizados. Dentro desse contexto, é possível verificar que várias pesquisas, de mestrado e doutorado, que utilizaram a entrevista como forma para coletar informações (MANZINI, 2006), informaram, de maneira geral e vaga, que “as entrevistas foram gravadas e transcritas”. Transcrever uma entrevista implica em fazer recortes, implica em estabelecer regras e critérios para transcrição. Como já salientado anteriormente,

[...] os dados que podem ser analisados, tendo como procedimento de coleta uma entrevista, são inúmeros e o produto verbal transcrito é um dos possíveis recortes desses dados. Dessa forma, temos optado, atualmente, por utilizar as expressões informações advindas da entrevista, dados advindos da entrevista, verbalizações advindas das entrevistas, ao invés da expressão *a entrevista foi transcrita e analisada*, pois, como apontamos, muitas podem ser as informações transcritas, de natureza verbal ou não-verbal, e muitos podem ser os dados a serem analisados (MANZINI, 2006, p. 371).

Poder-se-ia, aqui, questionar: e se a entrevista fosse filmada, isso não diminuiria as chances de recortes? Não necessariamente, pois uma entrevista envolve uma série de manifestações comportamentais e linguísticas que uma única filmadora não conseguiria registrar. A título de ilustração, para uma filmagem ampla, poder-se-ia utilizar três filmadoras: uma focalizando as expressões do entrevistado; outra focalizando as expressões do entrevistador, e uma terceira focalizando, lateralmente, a interação entre ambos. Com certeza, esse designe traria alguns problemas para a transcrição, talvez fosse necessário um timer para ligar e desligar todas as filmadoras ao mesmo tempo, bem como uma mesa de edição para compor um filme. Porém, em alguns casos, isso se torna necessário, e, obviamente, dependerá do tipo de dado que se queira investigar, mas sempre haverá um recorte das informações ao transcrevê-las. Como já salientou Queiroz (1983, p. 85), “[...] o documento audio-visual tem suas limitações e falhas. O vivido é irrecuperável em sua total vivacidade”.

A transcrição terá como meta transpor algo sonoro, que pode ser escutado e re-escutado, algo que foi vivenciado, para uma representação gráfica, que passará a ser objeto de análise por parte do pesquisador. Assim, essa passagem deverá ter recortes e o pesquisador deverá escolher seus critérios para representar graficamente aquele dado que foi coletado. Dessa forma, ao afirmar que a entrevista foi transcrita, é necessário expor os critérios de transcrição, pois a entrevista é muito maior do que a sua transcrição.

Principalmente na área da educação, a maioria das pesquisas não usa normas específicas para a transcrição das interações verbais das entrevistas. Comumente se observa que são utilizadas as regras da gramática da língua portuguesa.

Em outras áreas, como na linguística e mesmo em relatos de história de vida, os pesquisadores têm adotado normas e critérios para transcrição. Um dos autores que se preocupou em compilar essas normas foi Marcuschi (1986). Apesar de estarem disponíveis há mais de 20 anos, essas normas têm sido pouco utilizadas em Educação e, algumas dissertações e teses no campo da Educação Especial têm incorporado essas regras.

Marcuschi (1986) compilou quatorze sinais que considerava mais frequentes e úteis para realizar uma transcrição. Além desses sinais, o autor indicou algumas dicas para a transcrição: 1) evitar as maiúsculas em início de turno⁴; 2) utilizar uma sequenciação⁵ com linhas não muito longas para melhorar a visualização do conjunto; 3) indicar os falantes com siglas ou letras do nome ou alfabeto; 4) não cortar palavras na passagem de uma linha para outra. Para o mesmo autor, palavras pronunciadas de modo diferente do padrão teriam algumas grafias consensuais, tais como: *né, pra, prum, comé, tava*, ou truncamentos, tais como: *compr* (comprou), *vam di* (vamos dizer), dentre outras. O quadro que segue apresenta as normas compiladas e propostas por Marcuschi (1986).

⁴ Turno: é a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio, que é significativo e notado. Outras expressões comuns são: *ter o turno* e *troca de turno*.

⁵ Sequenciação: uma série de turnos sucessivos que se ligam por alguma razão semântico-pragmática.

Quadro 8 – Resumo explicativo das normas compiladas e dos exemplos apresentados por Marcuschi (1986, p.10-13).

Categorias	Sinais	Descrição das categorias	Exemplos
1. Falas simultâneas	[[Usam-se colchetes para dois falantes iniciam ao mesmo tempo um turno.	<p>...</p> <p>B: mas eu não tive num remorso né'</p> <p>A: [mas o que foi que houve''</p> <p>J: [meu irmão também fez uma dessas '</p> <p>B: depois ele voltou e tudo bem,</p>
2. Sobreposição de vozes	[Dois falantes iniciam ao mesmo tempo um turno.	<p>...</p> <p>E: o desequilíbrio ecológico pode a qualquer momento: acabar com a civilização [natural</p> <p>J: [mas não pode ser/ o mundo tá se preocupando com isso E./ (+) o mundo ta evitando/.../</p>
3. Sobreposições localizadas	[]	Ocorre num dado ponto do turno e não forma novo turno. Usa-se um colchete abrindo e outro fechando.	<p>...</p> <p>M: A. é o segu [inte' eu queria era::</p> <p>A: [im]</p> <p>M: eh: dizer que ficou pronta [a cópia</p> <p>A: [ah sim]</p> <p>M: ela fez essa noite (+)/.../</p>
4. Pausas e silêncios	(+) ou (2.5)	Para pausas pequenas sugere-se um sinal + para cada 0.5 segundo. Pausas em mais de 1.5 segundo, cronometradas, indica-se o tempo .	Ver exemplos no item 5.

Categorias	Sinais	Descrição das categorias	Exemplos
12. Repetições	Própria letra	Reduplicação de letra ou sílaba.	e e e ele; ca ca cada um.
13. Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção		Usam-se reproduções de sons cuja grafia é muito discutida, mas alguns estão mais ou menos claros.	eh, ah, oh. ih:::, mhm, ahã, dentre outros
14. Indicação de transição parcial ou de eliminação	... ou /.../	O uso de reticências <i>no início e no final</i> de uma transcrição indica que se está transcrevendo apenas um trecho. <i>Reticências entre duas barras</i> indicam um corte na produção de alguém.	Ver item 5.

Observando o Quadro 8, é possível concluir que a maioria das normas apresentadas por Marcuschi (1986) pode ser utilizada numa transcrição de entrevista. A transcrição é uma tarefa trabalhosa e cada hora de gravação poderá durar até seis horas de transcrição para um pesquisador treinado. Essa tarefa ainda necessita ser realizada artesanalmente, mas com o avanço da tecnologia, em breve, ela deverá tornar-se menos trabalhosa.

Atualmente, por meio de *softwares* que acompanham gravadores digitais, as transcrições podem ser feitas automaticamente, mas os *softwares* disponíveis somente transcrevem em língua inglesa e francesa. Outros programas, como o *via voice*, fazem a conversão da fala para a escrita, mas esses *softwares* somente conseguem identificar uma única voz e, numa entrevista, geralmente, dois interlocutores estão presentes.

Os *softwares* que acompanham os gravadores digitais também poderão auxiliar o pesquisador a realizar uma transcrição mais fidedigna. Um exemplo disso se refere à *ênfase ou acento forte* conforme indicado no Quadro 8. Essa ênfase pode ser medida objetivamente pelo *software*, que apresenta o espectro da fala. Em termos de tecnologia de voz, é possível uma marcação temporal bastante precisa, bem como o gasto de energia, que pode ser medido digitalmente.

Definido o procedimento de transcrição, o pesquisador deverá apresentar a descrição desse procedimento para o leitor de sua pesquisa. Essa descrição, geralmente, é apresentada na seção que enfoca o método e, em anexo ou apêndice⁶, deve-se apresentar um quadro resumo, podendo ser semelhante ao Quadro 8.

É possível simplesmente utilizar as normas gramaticais e as pontuações como ponto final; exclamação; interrogação; mas é necessário descrever para o leitor o porquê do uso dessas normas.

Para discutir mais detalhadamente a transcrição regida por meio das normas gramaticais, serão apresentados alguns exemplos de um mesmo trecho de uma verbalização com diferenças na transcrição, ou seja, na representação gráfica. Trata-se de informações coletadas por entrevistas junto a amigos-auxiliares de alunos universitários cegos. O tema se referia a condições de acessibilidade na universidade e os amigos-auxiliares descreviam, para o entrevistador, informações sobre como concebiam o aluno cego e sobre a ajuda despendida aos colegas. Nos exemplos que seguem, a fala do pesquisador é indicada por P e a do primeiro estudante entrevistado é E1.

Exemplo 1

P – De maneira geral como que você vê o deficiente no campus?

E1 – Primeiro, eu vejo que eli é um vitorioso por tar chegando lá, por tar conseguindo alcançá uma faculdade e pela coragem de topar todos esses desafios, tanto na vida circular como nessa questão de barreiras, de transportes, de tá encarando as dificuldades. Eu percebo que são pessoas muito determinadas, aqueles que entram no campus, ocupam lugares lá. Eu realmente admiro!

No exemplo 1, pode-se observar que a transcrição incorporou algumas das sugestões de Marcuschi (1986) já referidas como: 1) foram indicados os falantes com siglas; 2) não foram cortadas palavras na passagem de uma linha para outra; e 3) foram grafadas as palavras de acordo com a pronúncia (*eli, tar, alcançá, tá*). Porém, os turnos se iniciaram em letras maiúsculas e não foram utilizados os demais sinais propostos pelo autor.

A identificação por siglas ou letras dos entrevistados é uma característica importante na transcrição e na apresentação dos trechos das transcrições nos trabalhos de pesquisa. Geralmente, as verbalizações dos participantes entrevistados aparecem em várias

⁶ A nomenclatura *apêndice* está sendo utilizada de acordo com as normas da ABNT, que significa qualquer documento que foi elaborado ou confeccionado para a pesquisa. Já a nomenclatura *anexo* significa algo pronto ou elaborado por outro autor, e que foi utilizado na pesquisa, como, por exemplo, as normas de Marcuschi (1986).

partes da seção *Resultados*. Nesse sentido, é interessante apresentar os participantes em um quadro, na seção do *Método*, e manter as mesmas siglas ao início ou término das verbalizações na seção *Resultados*. Por exemplo, pode-se utilizar P1, P2, P3, para os participantes 1, 2 e 3, respectivamente. Principalmente quando se trabalha com pesquisa que investigam concepções, percepções ou opiniões dos entrevistados, as características de sexo, idade, dentre outras, é passível de discussão frente às falas apresentadas pelos diversos interlocutores.

Atendo-se as normas do Exemplo 1, uma questão que pode ser feita é: as normas utilizadas foram suficientes para responder ao objetivo da pesquisa? Nota-se que a pesquisa tinha como objetivo uma questão de conteúdo temático. Observando a pergunta do trecho da entrevista e a resposta do entrevistado, fica claro que é possível, a partir da transcrição, o pesquisador identificar como o entrevistado concebia o aluno cego. Essa é uma reflexão que o pesquisador deve fazer ao definir as normas de transcrição.

Parece que se a mesma fala fosse reproduzida com ajustes gramaticais da língua escrita, o conteúdo de interesse da pesquisa não sofreria alterações:

Exemplo 1 - reformulado

P – De maneira geral como que você vê o deficiente no campus?

E – Primeiro, eu vejo que ele é um vitorioso por estar chegando lá, por estar conseguindo alcançar uma faculdade e pela coragem de topa todos esses desafios, tanto na vida circular (de locomover-se pelo campus) como nessa questão de barreiras, de transportes, de estar encarando as dificuldades. Eu percebo que são pessoas muito determinadas, aqueles que entram no campus, ocupam lugares lá. Eu realmente admiro! (com entonação de entusiasmo)

Nota-se que, no Exemplo 1 – reformulado, foram grafadas corretamente, segundo a língua escrita, as falas pronunciadas como *eli*, *tar*, *alcançá*, *tá*. Também foi inserida, entre parênteses, uma melhor caracterização do que significava a palavra *circular* e o ponto de exclamação.

Tendo como referencial os dois últimos exemplos apresentados, cabem algumas reflexões e considerações sobre as falas transcritas que serão apresentadas publicamente, ou

seja, que serão grafadas nos trabalhos de mestrado, doutorado ou em pesquisa que virão ao público. Salienta-se que as pessoas que são entrevistadas podem ter acesso aos materiais escritos, como dissertações e teses, e esses entrevistados sabem que foram sujeitos do processo. Hoje é comum, inclusive, as dissertações e teses na forma digital serem disponibilizadas nos *sites* das universidades. Na prática acadêmica e de pesquisa em educação e educação especial, também tem sido comum que os professores, alunos, e demais participantes ou sujeitos da pesquisa estejam presentes nas defesas de mestrado e doutorado. Assim, parece ser conveniente que as falas transcritas, para serem apresentadas publicamente, recebam pequenos ajustes na grafia, pois, a experiência tem mostrado que as falas escritas como, por exemplo, *alcançá (alcançar)*, *tá (estar)*, *vô (vou)* não tem sido bem recebida pelos próprios participantes ao fazerem a leitura do material escrito. Isso é fácil de ser vislumbrado: imagine que um professor, um médico, ou um especialista possa apresentar uma fala dessas? Além de chocar o sujeito de pesquisa, para um leitor desavisado, a fala transcrita pode ser elemento que produz estigma. Ou seja, apesar de saber que a fala cotidiana pode pouco se assemelhar com a fala culta, ao tomar contato com a forma real da fala transcrita, o entrevistado pode levar um grande choque. Essas são situações reais vivenciadas por vários pesquisadores e sabe-se de situações que entrevistados abandonaram as pesquisas após lerem as transcrições costumeiramente intituladas como *literais*.

Uma outra forma de apresentar as transcrições para o público pode ser fundamentada nas normas da ABNT, que tratam sobre citações literais de autores. Nesse sentido, é possível considerar a fala do participante como a fala de um autor, que ao invés de apresentar um texto escrito, apresenta um documento falado.

As normas da ABNT (2002) para citações informam que: 1) as citações com menos de três linhas devem ser apresentadas no próprio parágrafo e entre aspas; 2) após cada citação apresentar o nome do autor entre parênteses, que será substituído pela sigla; 3) as citações com mais de três linhas devem ser apresentadas com um recuo de 4 cm e em letra com corpo menor; 4) as supressões, no início ou no meio do texto, podem ser apresentadas com a indicação de reticências entre colchetes; 5) comentários de quem transcreve podem ser apresentados entre parênteses. O *Exemplo 2 - reformulado* apresenta um trecho de uma transcrição que poderia ser apresentada em um texto publicado.

Exemplo 2

E: É ...quais os tipos de dificuldades que você acha que o R., mais pedi pra você?

P.: É mais a dependência, né? da ...em relação a ... levar ele a ... determinados lugares ,i ... a questão da ...i questão , a gravação dos textos também, mais assim..., devida acho que a dificuldade da... da percepção dele né? di...da locomoção pra determinados lugares.

Exemplo 2 - reformulado

E: É ...quais os tipos de dificuldades que você acha que o R. mais pedi pra você?

P.: É mais a dependência, né? [...] em relação a ... levar ele a ... determinados lugares e ... a questão da [...] gravação dos textos também, mais assim...devido, acho que a dificuldade da [...] percepção dele, né? Da [...] da locomoção pra determinados lugares.

Salienta-se que os exemplos apresentados dizem respeito a trechos da transcrição que serão apresentados publicamente. Com certeza, esses trechos já passaram por processo de análise e interpretação por parte do pesquisador que já havia transcrito toda a entrevista.

Sobre a questão da transcrição e edição das entrevistas, Duarte (2004) é incisiva em afirmar que:

As entrevistas podem e devem ser editadas. Exceto quando se pretende fazer análise de discurso, frases excessivamente coloquiais, interjeições, repetições, falas incompletas, vícios de linguagem, cacoetes, erros gramaticais, etc. devem ser corrigidos na transcrição editada. É importante, porém, manter uma versão original e uma versão editada de todas as transcrições [...] (DUARTE, 2004, p. 221).

Com certeza, deverão ser excluídas da edição pesquisas cujos objetivos tentam investigar exatamente a construção linguística ou cujas características de fala dos entrevistados são imprescindíveis para a compreensão do fenômeno em estudo, tais como estudos que enfocam os aspectos socioculturais, estudos com linguagem falada ou estudo com crianças. Cuidado deve ser tomado para não modificar as palavras que revelam como o entrevistado concebe ou percebe o assunto tratado.

Ainda sobre a apresentação das transcrições, surgem dúvidas se elas deverão ser apresentadas na totalidade como apêndice dos trabalhos de conclusão, em dissertações de mestrado e teses de doutorado. Convém lembrar que a identificação dos participantes é

resguardada por questões éticas. Assim, parece ser pouco viável, por questões éticas e por questões práticas, inserir todas as transcrições das entrevistas em apêndice. Basta apresentar uma transcrição, ou parte dela, para ilustrar a forma como todas as demais foram realizadas (DUARTE, 2004). Porém, salienta-se que em determinadas pesquisas, como história de vida ou história oral, existe a necessidade de armazenar as informações em sua totalidade. Isso geralmente é realizado por Centros de Documentação.

Além dessas questões apontadas, parece ser conveniente que o pesquisador intitule a sua transcrição. Como comentado nos primeiros capítulos, a entrevista, após passar pela fase de transcrição, apresentará um produto para análise podendo-se ser nomeada como de *relato, fala, verbalização, depoimento ou opinião*. Tais intitulações deverão estar condizentes com a abordagem metodológica adotada.

Cuidados metodológicos quanto à transcrição

Um procedimento interessante, para quem irá entrevistar, é elaborar um diário de campo com anotações das ocorrências físicas e sociais antes e, se possível, durante a entrevista. Essas anotações poderão enriquecer a transcrição. Também é possível anotar informações logo após a entrevista. Essas anotações irão auxiliar no momento da transcrição. Esse procedimento não é nada novo, pois as anotações diárias fazem parte do cotidiano social, anotam-se as informações durante uma aula na escola, anotam-se listas de coisas para serem realizadas, dentre tantas outras.

Um outro procedimento que pode auxiliar ao pesquisador é iniciar a transcrição logo após entrevista, pois as impressões e lembranças serão mais fáceis de serem acessadas, pois estarão vivas e presentes para o pesquisador. Essa prática também é indicada por pesquisadores que têm trabalhado com entrevista (ALBERTI, 1990; DUARTE, 2004).

Uma questão que se apresenta nas transcrições é: a transcrição revela fielmente as informações da entrevista? em outras palavras, a transcrição realizada pelo pesquisador seria fidedigna?

A forma de comprovar a fidedignidade de uma transcrição obedece aos procedimentos consagrados pela literatura. Esses procedimentos partem do princípio da concordância intra e interjuízes. A transcrição e a gravação são fornecidas aos juízes para

verificar a concordância. Também é possível realizar a concordância intrajuiz, que, nesse caso, pode ser o próprio pesquisador.

Um primeiro procedimento (intrajuiz) seria o pesquisador transcrever a gravação. Depois de uma semana, retoma a fita e transcreve novamente. Com as duas transcrições é possível uma comparação.

Quando as transcrições forem muito diferentes, caberá um melhor treinamento em realizar a transcrição. Após a primeira transcrição é possível escutar novamente a fita e corrigir, alterar e complementar a transcrição, ou seja, acrescentar e incluir elementos. A maneira como a transcrição foi realizada deverá ser descrita no método, para que o leitor saiba como foi realizada a transcrição e para fornecer detalhes sobre a replicação desse procedimento.

Um segundo procedimento (interjuizes) pode ser realizado com a transcrição por parte do pesquisador e por outra pessoa. As transcrições podem ser comparadas. Nesse segundo procedimento, não é necessário que os juizes façam a tradução de toda a fita. É possível a transcrição de alguns trechos para comprovar a concordância. Nesse procedimento, também é necessário que o juiz tenha acesso às normas que estão sendo utilizadas. Os manuais de pesquisa indicam que os juizes, para verificação da concordância, devem ser em número ímpar, ou seja, o pesquisador e mais dois juizes. Depois de transcrito pelos juizes, é feita a comparação das três transcrições, se forem bastante semelhantes, a transcrição está fiel à gravação.

Uma terceira maneira de verificar a concordância é entregar a gravação e a transcrição para uma outra pessoa escutar e checar os possíveis erros da transcrição, lembrando de informar ao juiz as normas que o estão sendo usadas para fazer a transcrição.

O que se espera com esses procedimentos não é uma concordância baseada em testes estatísticos, mas que a transcrição do pesquisador sempre esteja melhor que a dos juizes, pois ele é quem tem maior abrangência do contexto da pesquisa.

Referências

ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisa qualitativas. Curitiba, Educar, n. 24, p 213-225, 2004.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados. In: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.; VICTOR, S. L. *Pesquisa e educação especial: mapeando produções*. Vitória: UFES, 2006, p. 361-386.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

QUEIROZ, M.I.P. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. 2. ed. São Paulo. CERVE/FFLCH/USP, 1983.